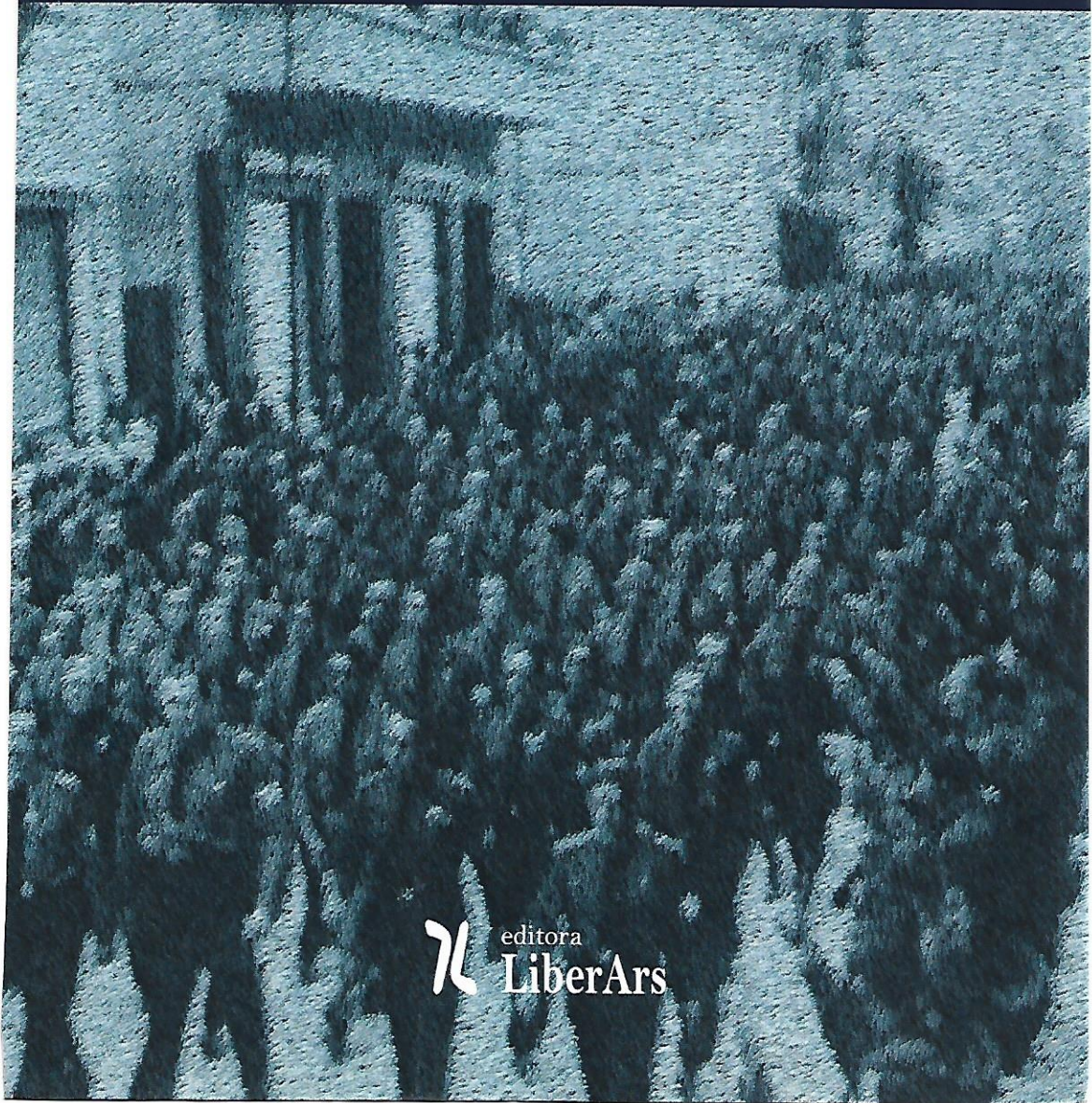


REALIDADE NACIONAL E CRISE ATUAL: ENTRE A CULTURA E A BARBÁRIE

José Ernesto de Fáveri
Luiz Eduardo Cani
Sandro Luiz Bazzanella
(organizadores)



 editora
LiberArs

**REALIDADE NACIONAL E
CRISE ATUAL:**

entre a cultura e a barbárie

Comitê Científico

Ary Baddini Tavares
Andrés Falcone
Alessandro Octaviani
Daniel Arruda Nascimento
Eduardo Saad-Diniz
Isabel Lousada
Jorge Miranda de Almeida
Marcia Tiburi
Marcelo Martins Bueno
Miguel Polaino-Orts
Maurício Cardoso
Maria J. Binetti
Michelle Vasconcelos de Oliveira Nascimento
Paulo Roberto Monteiro Araújo
Patricio Sabadini
Rodrigo Santos de Oliveira
Sandra Caponi
Sandro Luiz Bazzanella
Tiago Almeida
Saly Wellausen

José Ernesto de Fáveri
Luiz Eduardo Cani
Sandro Luiz Bazzanella
(organizadores)

**REALIDADE NACIONAL E
CRISE ATUAL:**

entre a cultura e a barbárie

1ª edição

LiberArs
São Paulo – 2018

Realidade Nacional e crise atual: entre a cultura e a barbárie

© 2018, Editora LiberArs Ltda.

Direitos de edição reservados à
Editora LiberArs Ltda

ISBN 978-85-9459-134-0

Editores

Fransmar Costa Lima
Lauro Fabiano de Souza Carvalho

Revisão técnica

Cesar Lima

Editores e diagramação

Editora LiberArs
Nathalie Chiari

Capa

Fabio Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R288	Realidade nacional e crise atual: entre a cultura e a barbárie / organizado por José Ernesto de Fáveri, Luiz Eduardo Cani, Sandro Luiz Bazzanella. - São Paulo : Liber Ars, 2018. 181 p. ; 16cm x 23cm. Inclui índice e bibliografia. ISBN: 978-85-9459-134-0 1. Ciências políticas. II. Brasil. I. Fáveri, José Ernesto de. II. Cani, Luiz Eduardo. III. Bazzanella, Sandro Luiz. IV. Título.	CDD 320 CDU 32
2018-1603		

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Todos os direitos reservados. A reprodução, ainda que parcial, por qualquer meio, das páginas que compõem este livro, para uso não individual, mesmo para fins didáticos, sem autorização escrita do editor, é ilícita e constitui uma contrafação danosa à cultura. Foi feito o depósito legal.

Editora LiberArs Ltda
www.liberars.com.br
contato@liberars.com.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	11
Capítulo 1 A tecnoestrutura no estado de exceção e o imobilismo social no Brasil José Ernesto de Fáveri.....	17
Capítulo 2 “Golpichment” como objeto de estudo: estado da arte sobre a literatura acadêmica do golpe 2016 José Roberto Paludo	49
Capítulo 3 O papel dos juristas na (des)legitimação dos golpes de estado Luiz Eduardo Cani L. F. C. M.....	69
Capítulo 4 Uma perspectiva descolonial e crítica da democracia a partir das categorias da Política da Libertação de Enrique Dussel: será que isso tem algo a dizer para o sistema de justiça? Márcio Soares Berclaz	97

Capítulo 5	
Judicialização da política, ativismo judicial e Estado de Exceção	
Camila Leonardo Nandi de Albuquerque.....	115
Capítulo 6	
O permanente estado de exceção em terras tupiniquins	
Sandro Luiz Bazzanella.....	137
Capítulo 7	
Neoliberalismo y democracia sobrante: un análisis desde el caso brasileño	
Augusto Jobim do Amaral.....	161
CONCLUSÕES: a tensão entre a cultura e a barbárie	177
Sobre os autores.....	180

PREFÁCIO

MARCIO POCHMANN¹

Neste momento em que um conjunto de fatores conflui para eclodir uma crise generalizada no Brasil, a proposta deste livro sobre a “Realidade Nacional e a Crise Atual: entre a cultura e a barbárie” traz uma contribuição importante para a reflexão e o debate.

Golpe, ditadura e estado de exceção não é novidade no Brasil, ao contrário, foram diversos e de diferentes modalidades ao longo da história, porém, o que há de comum são os interesses da chamada elite brasileira, que sofre de um fenômeno nomeado por Nelson Rodrigues como “complexo de vira-lata”, ou seja, não têm um projeto genuíno de nação, de desenvolvimento ou de futuro, simplesmente atua numa lógica subordinada para agradar os “gringos”, sejam eles portugueses, ingleses ou estadunidenses, portanto, uma visão sempre colonizada.

As características específicas do golpe de 2016 é que foi protagonizado pela mídia, judiciário e pelo parlamento, porém, por traz desses atores estão os interesses do capital financeiro global através de uma versão neoliberal repaginada e mais bárbara que a tentativa que houve nos anos 1990. Este plano rápido de desmonte de um projeto de estado nação está descrito no documento que fundamentou o golpe, chamado “Uma Ponte para o Futuro”, onde o governo golpista se compromete em destruir rapidamente as políticas de Estado Social, de precarizar os direitos trabalhadores para uma nova ordem global de exploração e barbárie e de desmontar as condições de um Estado indutor do desenvolvimento, reduzindo-o basicamente ao papel de “uso legítimo da força”, que arrecada impostos dos pobres para locupletar um setor da classe média, que cuida da burocracia e da legitimação das injustiças.

¹ Doutor em Economia pela Unicamp onde é professor e pesquisador. Entre outras atuações importantes foi consultor do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Socioeconômicos), da OIT (Organização Internacional do Trabalho), foi presidente do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) e é o atual Presidente da Fundação Perseu Abramo

A cada dia ficam mais evidentes as diferenças de projetos, antes e depois do golpe de 2016, portanto, a ruptura com a ordem democrática e a instalação de um estado de exceção sem armas é apenas o mecanismo do golpe, por traz dessas evidências está o projeto de desmonte das possibilidades de um Estado que minimamente considere “os de baixo” como parte da cidadania, como sujeitos de algum patamar básico de direitos.

Ainda na condição de governo interino, os golpistas (executivo e maioria parlamentar) aprovaram a reforma trabalhista e a desestruturação do ensino médio universal, voltando ao projeto colonial de educação propedêutica para as elites e ensino profissionalizante para os pobres. Em seguida veio a desestruturação das políticas sociais através das emendas constitucionais (EC) número 93 e 95 (2016), que congelou os “gastos” sociais por 20 anos. Ainda que a reforma da previdência tenha sido adiada por questões eleitorais, preocupado com a perda de votos nas eleições de 2018, as consequências das medidas citadas têm efeito imediato no aumento do desemprego e precarização das relações trabalhistas e nos cortes de recursos e suas prioridades, como exemplo, de um lado o corte de 300 milhões de reais em bolsas da CAPES (afetando o pagamento de 93 mil discentes e pesquisadores, de 105 mil bolsistas e de 245 mil beneficiados de programas de formação dos profissionais da educação básica), e, de outro lado, concede aumento para o judiciário, num valor aproximado de 250 milhões anuais considerando apenas o STF, podendo chegar próximo de 800 milhões o efeito cascata para as instâncias inferiores do judiciário. Outro exemplo são os cortes na saúde e educação, que somente no ano de 2017 chegou a 191,2 bilhões de reais, enquanto foram pagos em juros da dívida o montante de 400,8 bilhões de reais, ou seja, para cada um real aplicado na saúde e educação, a despesa com juros consome 2,1 reais.

Enfim, na condição de professor e economista trouxe alguns números para exemplificar o que se considera que está em disputa sobre a “Realidade Nacional e a Crise Atual”. No entanto, encontramos na leitura desta obra uma reflexão bem fundamentada que aprofunda alguns aspectos do momento atual, colocando-nos questões importantes, como por exemplo, por que não há reação social neste momento? Qual a explicação para essa espécie de “letargia” social, que foi usada para legitimar o golpe de 2016 e depois não volta para reagir às consequências do golpe? Qual foi a atenção dada pela academia para estudar o tema e a disputa de narrativas, de um lado aqueles que tratam o fato como impeachment e de outro lado os que tratam como golpe? Por que o judiciário teve um papel preponderante neste golpe? Ainda que nunca tenha sido neutro, neste momento não foi apenas coadjuvante. O que há de novo nessa relação entre judicialização da política e estado de exceção? O quanto é importante resgatar a memória das sucessivas crises e golpes ou outros episódios de rupturas protagonizados pelas elites brasileiras e qual a suas rela-

ções com o momento atual? Enfim, quais as incongruências entre o neoliberalismo e a democracia?

Essas são algumas perguntas chave que esta obra convida ao diálogo com o leitor interessado em compreender, de forma fundamentada, os mecanismos que estão por trás das evidências e dos números que descrevem a “Realidade Nacional e a Crise Atual”.

Contudo, neste exato momento histórico em que está em curso um processo eleitoral, plasticamente democrático, não se pode fazer de conta que segue o fluxo democrático no Brasil, ou seja, o golpe continua em curso e os seus protagonistas continuam agindo pesadamente para impedir que a principal liderança política atualmente capaz de se contrapor a esse projeto neoliberal e derrotá-la popularmente, apesar de todas as adversidades, continue na condição de preso político, sem provas e alijado por trâmites viciados e persecutórios.

Ao abordar um tema como a realidade nacional e a crise atual nos comprometemos em refletir sobre o dia seguinte, nos comprometemos com as suas consequências e diante delas temos basicamente dois caminhos: nos calarmos e legitimar o estado de exceção vigente; ou quebrar o silêncio e manifestar nossa indignação coletiva contrapondo-se ao processo de atraso que está em curso.

CAPÍTULO 2

“GOLPICHMENT” COMO OBJETO DE ESTUDO: ESTADO DA ARTE SOBRE A LITERATURA ACADÊMICA DO GOLPE 2016

JOSÉ ROBERTO PALUDO

1 Introdução

Ainda antes do domingo, dia 17 de abril de 2016, e, desta data até a quarta-feira, dia 31 de agosto de 2016, foi escrito muita coisa sobre o Golpe de Estado que ocorreu no Brasil nesse período.

Em tempos de "Sociedade em Rede"¹ esse acontecimento tornou-se o fato histórico mais intenso das últimas três décadas da jovem democracia brasileira e provavelmente a decisão que irá marcar as clivagens políticas para as próximas décadas no país.

O humorista Gregório Duvivier², em vídeo postado em seu canal no *Youtube* abordou o tema de *fakenews* e usou a expressão "Golpichment" demonstrando a clivagem em relação àquele acontecimento político, de um lado, a narrativa que busca legitimá-lo como *impeachment*, e, de outro lado, uma narrativa que denuncia a ocorrência de um golpe de Estado no Brasil.

Até o dia 31 de agosto de 2016, um dos lados insistia em disputar a narrativa tentando convencer que se tratava de um processo legítimo de cassação de mandato executivo, fundamentado no mérito e no procedimento previsto no Artigo 85 da Constituição Federal que trata dos crimes de responsabilidade que justifica um processo de *impeachment*. Para esses, o termo "Golpe" causou tanto impacto que motivou o deputado federal Júlio Lopes (PP-RJ), no dia

¹ CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: a Era da Informação*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

² DUVIVIER, Gregório. *Fake News*. *Youtube*, 14 de julho de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V4E0yXQeI2Y>. Acessado em março de 2018.

cinco de maio de 2016, solicitar à Procuradoria Parlamentar da Câmara dos Deputados para encaminhar ao Supremo Tribunal Federal (STF) um pedido de liminar que notificasse à Presidenta (afastada) Dilma Rousseff esclarecimentos sobre o uso do termo “Golpe” em seus discursos. Pedido esse acatado liminarmente pela Ministra do STF, Rosa Weber, que notificou a Presidenta Dilma com extrema brevidade, já no dia dez de maio, citando tal referência. Ato contínuo, em 10 de agosto do mesmo ano, os próprios senadores da base de apoio da Presidenta se reuniram com ela para negociar a retirada do termo “golpe” da carta que seria encaminhar ao Senado, alegando não ser prudente politicamente. Dilma Rousseff cedeu à argumentação, mas reafirmou que uso deste termo era correto e não havia outra definição para esse processo.

Depois do fato consumado, parece que houve um recuo ou abandono na tentativa de disputar essa narrativa, pois, já os interesses foram almeçados ou os argumentos em que se baseavam não mais se sustentam diante dos fatos e das contestações de ordem jurídica e política.

De acordo com o Dicionário de Política de Norberto Bobbio³, “Golpe de Estado é um ato realizado por órgãos do próprio Estado”. Segundo Bobbio as característica se mantém, porém, mudam os atores que promovem os Golpes de Estado, podendo ser o soberano (que está à frente do poder), os titulares do poder legal ou um setor específico dos funcionários públicos (na maioria dos casos os militares). Para que ocorra um Golpe de Estado é necessário “ocupar e controlar os centros de poder tecnológico do Estado”, ou seja, os setores chaves do poder. Assim, os Golpes modernos são baseados na “violência intrínseca do ato com o mínimo emprego possível de violência física”. O autor ressalta ainda que os Golpes buscam reconhecimento de outros países, pois precisam de legitimidade para impor mudanças no ordenamento jurídico, porém, nem sempre “produz modificações substanciais nas relações políticas, econômicas e sociais (a experiência histórica mostra até o contrário)”. Enfim, Norberto Bobbio sintetiza seu verbete sobre Golpe de Estado em cinco pontos e conclui que:

- 1) Na tradição histórica, o Golpe de Estado é um ato efetuado por órgãos do Estado. Em suas manifestações atuais, o Golpe de Estado, na maioria dos casos, é levado a cabo por um grupo militar ou pelas forças armadas como um todo. Num caso contrário, a atitude das forças armadas é de neutralidade-cumplicidade.
- 2) As consequências mais habituais do Golpe de Estado consistem na simples mudança da liderança política.
- 3) O Golpe de Estado pode ser acompanhado e/ou seguido de mobilização política e/ou social, embora isso não seja um elemento normal ou necessário do próprio golpe.

³ BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. Brasília: Editora UnB, 1998.

4) Habitualmente, o Golpe de Estado é seguido do reforço da máquina burocrática e policial do Estado.

5) Uma das consequências mais típicas do fenômeno acontece nas formas de agregação da instância política, já que é característica normal a eliminação ou a dissolução dos partidos políticos.⁴

Portanto, há um contexto repleto de enfoques possíveis para compor uma narrativa colocando tais acontecimentos históricos ocorridos no Brasil em 2016 como Golpe de Estado.

As pesquisas sobre o "estado da arte" tem caráter bibliográfico e se tornou frequente no Brasil nas últimas décadas, buscam mapear a produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento⁵. Contudo, cabe ressaltar seus limites do ponto de vista do aprofundamento dos temas, pois, concentra-se basicamente na organização dos títulos e resumos das publicações, portanto, o objetivo deste artigo é basicamente ressaltar o rápido crescimento da abordagem sobre esse acontecimento histórico do tempo presente e abordar sua amplitude de enfoques também no meio acadêmico, para além da abordagem midiática tradicional ou virtual.

Optou-se aqui por apresentar inicialmente dois levantamentos bibliográficos: o primeiro com base no Catálogo de Teses e Dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (CAPES)⁶; e, também uma pesquisa no Google Acadêmico selecionando publicações científicas que incluem Trabalhos de Conclusão de Cursos (TCC), Dissertações e Teses, mas também artigos publicados em revistas científicas, anais de encontros e congressos e outras publicações relevantes. Posteriormente fez-se uma revisão de uma parte das publicações em livros impressos e eletrônicos, incluindo alguns artigos relevantes.

2 A produção acadêmica sobre o tema do Golpe 2016

O trabalho inicial de levantamento de Teses e Dissertações no Catálogo da CAPES, complementada pela pesquisa no Google Acadêmico que inclui também TCC's e artigos publicados em revistas científicas e trabalhos apresentados e registrados em anais de eventos acadêmicos. Esse levantamento reserve para demonstrar a relevância do tema e que apesar de tratar-se de um tema de atualidade já existe à disposição um volume considerável de produ-

⁴ BOBBIO, Norberto. Dicionário de Política. Brasília: Editora UnB, 1998.

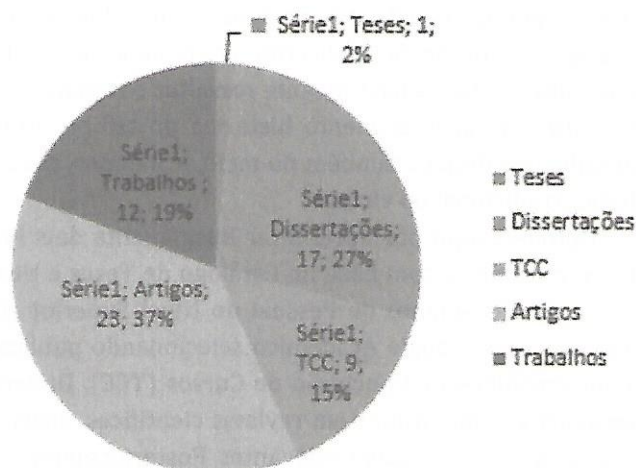
⁵ FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As Pesquisas Denominadas "Estado da Arte". Revista Educação & Sociedade, ano XXIII, no 79. Campinas, agosto/2002 p. 257-272.

⁶ CAPES. Periódicos Capes. Disponível em <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acessado em dezembro de 2017.

ção científica e acadêmica, que utiliza a vasta quantidade de fontes primárias publicadas especialmente nas redes sociais⁷.

Neste mapeamento utilizou-se as palavras-chave: "Impeachment Dilma"; e, "Golpe 2016", analisando o período de 2016 e 2017, onde obteve-se uma tese de doutorado, 17 dissertações de mestrado, nove TCC's (nem todos são publicados imediatamente), 23 artigos acadêmicos publicados em revistas científicas e 12 trabalhos registrados em anais de encontros e congressos acadêmicos.

Gráfico 1 - Classificação dos tipos de publicações acadêmicas sobre o tema do "Golpichment"



Fonte: CAPES e Google Acadêmico. Gráfico construído pelo autor

Tratando-se da área do conhecimento, de acordo com a classificação da plataforma Lattes, constatou-se que a maior produção acadêmica se encontra no campo da ciência da comunicação, tanto em relação as mídias tradicionais como as mídias sociais, depois vem a área de ciência política, sociologia, direito, linguística, economia e políticas públicas. A tabela a seguir apresenta uma

⁷ Castells demonstrou a complexidade da Sociedade em Rede (Idem) e muitos outros autores apresentaram também o aumento da quantidade de informação em decorrência da rede mundial de computadores, fala-se que atualmente são editados no mundo mais de mil novos títulos de livros por dia e estão em circulação no planeta mais de 100 mil revistas científicas. Um exemplo clássico é de que uma edição dominical do jornal *The New York Times*, contém mais informação do que um cidadão do Século 17 poderia receber ao longo de toda a sua vida. Assim, por exemplo, ao fazer uma busca na internet usando as palavras chave "impeachment Dilma" obtém-se 452 mil resultados, portanto, trata-se de um volume de informações impossível de ser analisado manualmente, daí que o uso de filtros iniciais como o Catálogo da CAPES ou o Google Acadêmico estabelecem uma seleção das publicações com um viés de qualidade do conteúdo.

classificação dessas publicações com base no campo do conhecimento em áreas e temas específicos:

Tabela 1 - Principais áreas do conhecimento que abordam o tema do "Golpichment"

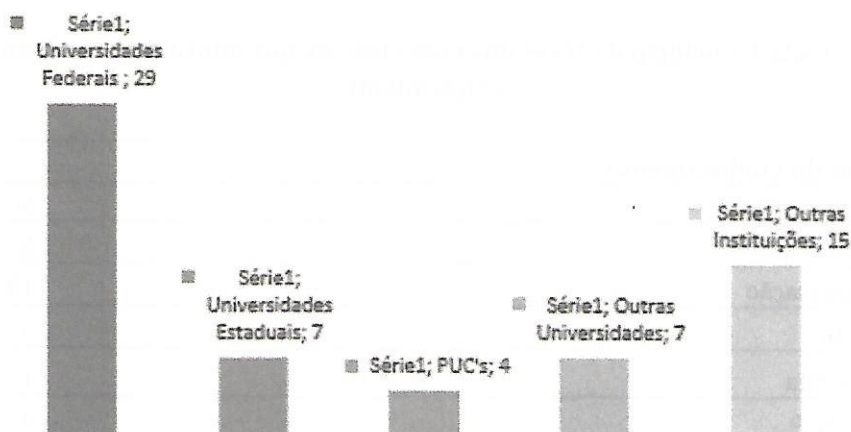
Áreas do Conhecimento	
Ciência Política	5
Ciências Sociais	5
Comunicação	19
Direito	3
Economia	1
Educação	4
Ciência da Informação	1
Jornalismo	7
Letras	3
Linguística	7
Políticas Públicas	2
Relações Internacionais	1
Relações Públicas	1
Serviço Social	3
Total	62

Fonte: CAPES e Google Acadêmico. Tabela construída pelo autor.

Enfim, o terceiro critério de análise deste levantamento se refere ao tipo das instituições que publicaram essas abordagens, divididas entre: Universidades Federais; Universidades Estaduais (USP e UNESP); Pontífices Universitárias Católicas (PUC); outras Universidades; e outras Instituições⁸, conforme gráfico que segue:

⁸ Chama a atenção os Congressos Brasileiros de Ciências da Comunicação organizados pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) que ocorreram em Caruaru (PE), no ano de 2016, e, em Curitiba (PR) no ano de 2017, nos quais foram publicados oito artigos sobre o tema pesquisado.

Gráfico 2 – Tipo de Instituições que publicaram estudos sobre o "Golpichment"



Fonte: CAPES e Google Acadêmico. Gráfico construído pelo autor.

Ao fazer essas escolhas deixou-se de catalogar importantes artigos e publicações em blogs e sites específicos que merecem atenção, sem contar nas publicações internacionais. Ressalta-se que se priorizou aqui também as publicações escritas, que não se levou em conta a diversidade e qualidade de publicações em outras linguagens, como por exemplo, as imagens fotográficas e iconográficas usadas na internet, vídeos de eventos e entrevistas e uma diversidade de manifestações artísticas.

3 Uma revisão da literatura publicada em livros sobre o Golpe 2016

Trata-se aqui das publicações transformadas em livros físicos e digitais, sobre a literatura do "Golpichment", porém, mais do que o mapeamento dessas fontes, buscar-se-á dialogar com os autores a partir dos principais argumentos.

Inicialmente pode-se reafirmar que não há literatura neutra sobre esse tema, pois, de um lado estão as publicações empenhadas em legitimar o processo de *impeachment*, e, de outro lado, os autores que questionam, criticam e denunciam diferentes dimensões do Golpe.

Em síntese, pode-se dividir as publicações mapeadas em três grandes áreas: abordagem política (em geral com uma linguagem jornalística); análise econômica; e análise teórica.

Inicia-se sobre a abordagem política onde foram mapeadas as obras posicionadas voltadas para dar legitimidade ao *impeachment*⁹, e, contrapondo-se ao golpe com base numa abordagem política¹⁰.

Em relação a abordagem econômica, do lado dos que buscam legitimar o *impeachment*¹¹ e contrário ao golpe.

Finalmente, em relação à abordagem teórica foram selecionadas duas obras: "A radiografia do golpe"¹² e "A democracia impedida"¹³.

4 Posicionados pela legitimação do impeachment

Inicia-se pelos autores posicionados pela legitimidade do golpe, que trazem uma abordagem política sobre o tema, iniciando pelo jornalista Jorge Bastos Moreno¹⁴ que publicou em março de 2017 o livro intitulado **Ascensão e Queda de Dilma Rousseff: Tuítes Sobre os Bastidores do Governo Petista e o Diário da Crise que Levou à sua Ruína**¹⁵, onde faz uma narrativa do processo de *impeachment* com base em notas selecionadas de seu twitter "Blog do Moreno", com capítulos mensais desde junho de 2010 até agosto de 2016. O autor inicia o capítulo com um breve relato dos principais fatos reper-

⁹ MORENO, Jorge Bastos. *Ascensão e Queda de Dilma Rousseff: Tuítes Sobre os Bastidores do Governo Petista e o Diário da Crise que levou à sua Ruína*. São Paulo: Editora Globo Livros, 2017; WESTIN, Ricardo. *A Queda de Dilma: Os Bastidores do Impeachment da Presidente que desprezou as Lições Políticas de Maquiavel*. São Paulo: Universo dos Livros Editora, 2017; VILLAVERDE, João. *Perigosas pedaladas: Os bastidores da crise que abalou o Brasil e levou ao fim o governo Dilma Rousseff*. São Paulo: Editora: Geração, 2016.

¹⁰ ALMEIDA, Rodrigo. *À Sombra do Poder. Os Bastidores da Crise que Derrubou Dilma Rousseff*. São Paulo: Editora Leya, 2016; AMARAL, Roberto. *A serpente sem casca: da 'crise' à Frente*. Rio de Janeiro: Editora Altadena, 2016; JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016; PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM; Marcio; RAMOS FILHO, Wilson. *A Resistência ao Golpe de 2016*. São Paulo: Canal 6 Editora, 2016; ROVAL, Renato. *Golpe 16*. São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2016; PIMENTA, Paulo. *Democracia, Direitos Humanos e Mídia*. São Paulo: Editora Bartira Gráfica, 2016; RAMOS, Gustavo Teixeira; MELO FILHO, Hugo Cavalcanti; LOGUERCIO, José Eymard. *A Classe Trabalhadora e a Resistência Internacional ao Golpe de 2016*. São Paulo: Canal 6 Editora, 2016.

¹¹ SAFATLE, Claudia; BORGES, João; OLIVEIRA, Ribamar. *Anatomia de um desastre: Os bastidores da crise econômica que mergulhou o país na pior recessão da história*. São Paulo: Editora: Portfolio Penguin, 2016; LEITÃO, Miriam. *A verdade é teimosa: Diários da crise que adiou o futuro*. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2017.

¹² SOUZA, Jessé. *A Radiografia do Golpe: entenda como e por que você foi enganado*. São Paulo: Editora Leya, 2016.

¹³ SANTOS, Wanderley Guilherme. *A democracia interrompida: o Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2017.

¹⁴ O jornalista Jorge Bastos Moreno faleceu quatro meses depois de publicar esse livro, em 14 de junho de 2017, aos 63 anos, vítima de um edema agudo de pulmão devido a complicações cardiovasculares. Trabalhava como colunista do jornal *O Globo* onde mantinha o "Blog do Moreno" que serviu de base para os registros narrados no seu livro. Ao longo da sua carreira Moreno passou pelo *Jornal do Brasil* e pela revista *Veja*.

¹⁵ MORENO, Jorge Bastos. *Ascensão e Queda de Dilma Rousseff: Tuítes Sobre os Bastidores do Governo Petista e o Diário da Crise que levou à sua Ruína*. São Paulo: Editora Globo Livros, 2017.

cutidos pela mídia naquele mês, no Brasil e no mundo, depois seguem algumas notas selecionadas do seu twitter.

Essa narrativa permite um acompanhamento cronológico do processo, fazendo o leitor reviver momentos passados, porém, de forma bastante sintética, a partir do posicionamento do autor, que sempre muito crítico ao PT, ao Lula e ao PMDB (partido que o autor cobriu, como jornalista político, por 40 anos), dizendo-se admirador de Dilma, especialmente pela postura da Presidente em relação a agenda chamada de “faxina”, sempre condescendente em seus comentários. Ao final o autor demonstra-se convencido da legitimidade do *impeachment*: “14/04/2016 – É nesse argumento que os defensores da ‘democracia’ deveriam se apegar, na honestidade da Dilma. Não nessa besteira de golpe”¹⁶ e prossegue “19/04/2016 – Não se pode chamar de conspiração algo que é feito à luz do dia. O máximo que se pode dizer é que perderam a cerimônia”¹⁷, e, finalmente, “22/04/2016 – Poderiam até dizer que ganharam no tapetão. Ganhar no tapetão é ganhar na lei, fora do campo de jogo, no caso, das urnas. Aí cabe.”¹⁸

A Queda de Dilma: Os Bastidores do *Impeachment* da Presidente que desprezou as Lições Políticas de Maquiavel foi o título criativo que o jornalista Ricardo Westin¹⁹ escolheu para o seu livro publicado em maio de 2017, considerando que além de relatos o autor busca analisar uma tese política ao comparar os bastidores do governo Dilma com a obra de Maquiavel.

O autor tenta desenvolver essa tese em 16 capítulos, precedido de um prólogo “O fim justifica os meios” e procedido de um epílogo “A *virtú* e a fortuna” que são mandamentos basilares da obra de Maquiavel. O autor escolheu o recorte político mostrando como houveram equívocos da parte do governo, especialmente na pessoa da Presidenta Dilma, ou seja, a tese é de que foram os erros e a inabilidade política da Presidenta que levou-a ao isolamento e à cassação, contrapondo à habilidade e destreza de Eduardo Cunha, que soube manejar as lições de Maquiavel e por isso venceu a guerra.

Os capítulos não estão ordenados de forma cronológica, mas por temas, o que requer idas e vindas na leitura atenta, percebendo ser apontadas algumas contradições ao longo do texto (vide resenha). O estilo da escrita é de forma jornalística, opinativa e até agressiva, como se os fatos devessem se adequar às ideias, portanto, já no primeiro “mandamento” como chama o autor para cada capítulo, fica evidente a dificuldade de comprovar sua tese, ao chamar de “Mandamento 1 – Não cumpra as tuas promessas”. Ao longo deste

¹⁶ MORENO, Jorge Bastos. *Ascensão e Queda de Dilma Rousseff: Tuites Sobre os Bastidores do Governo Petista e o Diário da Crise que levou à sua Ruína*. São Paulo: Editora Globo Livros, 2017, p. 238.

¹⁷ *Ibid.*, p. 239.

¹⁸ *Ibid.*, p. 240.

¹⁹ WESTIN, Ricardo. *A Queda de Dilma: Os Bastidores do *Impeachment* da Presidente que desprezou as Lições Políticas de Maquiavel*. São Paulo: Universo dos Livros Editora, 2017.

capítulo o autor acusa “Dilma dirigiu sua munição apenas aos dois adversários perigosos, para roubar-lhes votos. O termo “roubar”, que se refere a crime, e “munição”, a guerra, não chegam a ser um exagero”²⁰ e assim segue afirmando que o PT usou da tática “rasteira” de ataque aos adversários e depois praticou “estelionato eleitoral”, descumprindo o que havia prometido na campanha.

Em que pese o conteúdo polêmico das afirmações anteriores, que não cabe aqui aprofundar, percebe-se o sofisma o autor, quando sua tese é de que Dilma perdeu a guerra porque supostamente não leu Maquiavel “Quando Dilma ainda governava, a biblioteca do Palácio do Planalto, localizada a poucos metros do seu gabinete, tinha nada menos do que seis exemplares de O Príncipe disponíveis para empréstimo”²¹, porém, logo no primeiro “mandamento” o autor acusa a Presidenta Dilma de “estelionato eleitoral”, ou seja, teria aplicado Maquiavel ao “não cumprir as tuas promessas”. Portanto, ideias como essas se demonstram contraditórias ao longo do livro, que, no entanto, vale a pena a leitura e análise mais aprofundada.

Outra obra menos explícita no seu posicionamento e que transita entre o foco da política e economia é o livro **Perigosas pedaladas: Os bastidores da crise que abalou o Brasil e levou ao fim o governo Dilma Rousseff**, escrito pelo também jornalista João Villaverde²² e publicado em novembro de 2016, onde busca explicar, com linguagem jornalística, o que foram as “pedaladas fiscais”, abordando as divergências dentro do governo Dilma em relação aos rumos para estancar a crise econômica, passado por um relato das operações financeiras utilizadas para imputar à Presidenta o crime de responsabilidade fiscal e justificar sua destituição. Por fim, Villaverde trata da agenda de mudanças econômicas, a exemplo do que tradicionalmente ocorrem depois de episódios como esses, assim foi em 1930, após o golpe militar de 1964 e assim por diante. O autor chama esse agenda de “o Brasil do pós-Dilma” e questiona o que sairá da implosão do acordo político e econômico do pós-Constituição de 1988?

Dentre os autores posicionados pela legitimidade do golpe, que trazem uma abordagem econômica estão a **Anatomia de um desastre: Os bastidores da crise econômica que mergulhou o país na pior recessão da história** de autoria coletiva entre os jornalistas Claudia Safatle²³, João

²⁰ WESTIN, Ricardo. *A Queda de Dilma: Os Bastidores do Impeachment da Presidente que desprezou as Lições Políticas de Maquiavel*. São Paulo: Universo dos Livros Editora, 2017, p. 17.

²¹ Ibid.

²² O jornalista João Villaverde trabalha no jornal “O Estado de S. Paulo” desde 2012, é especializado em economia pela FGV/SP, em 2015 já escreveu uma série de reportagens sobre as “pedaladas fiscais” do governo Dilma.

²³ Claudia Safatle trabalhou nas maiores empresas jornalísticas do Brasil, foi assessora do Banco Central na gestão de Arminio Fraga (1999), final do governo FHC e atualmente é diretora da sucursal do Jornal Valor, em Brasília.

Borges²⁴, Ribamar Oliveira²⁵, publicado em novembro de 2016, que reúne textos dos autores que atuam no jornalismo econômico argumentando que houve um desastre no Brasil entre o período que vai da primeira eleição de Lula ao *impeachment* de Dilma Rousseff, abandonando os cuidados com a estabilidade e deteriorando as contas públicas, passando pelas decisões das pedaladas fiscais e os bastidores da política nacional.

Dividido em 20 capítulos, mais um epílogo, cada qual tratando de temas distintos, portanto, do ponto de vista de análise requeridas e vindas na leitura de cada contexto, porém, segue o estilo de texto de análise jornalística. Embora nenhum capítulo é assinado especificamente por nenhum dos autores, dando-lhes autoria coletiva ao conjunto da obra, percebe-se que possivelmente fora escrito separadamente, pela repetição de dados e argumentos, faltando algum tipo de síntese e amarração entre os capítulos. Contudo, trata-se de um texto de qualidade técnica e bem estruturado, ainda que por vezes passível de se apontar algumas contradições e omissões.

Ao longo do texto os autores identificam alguns êxitos, mas principalmente os equívocos do governo que levaram à crise econômica e à recessão que resultou na cassação da Presidenta Dilma. A ideia básica é de que os governos do PT foram um desastre para a economia do país, o que justificou o *impeachment*.

Das 21 partes do livro pode-se dividir em cinco eixos: focado em algum (s) personagem (cap. 17 fala sobre Arno Austin que foi o Secretário do Tesouro Nacional, que assumiu a responsabilidade sobre os “balanços criativos” depois apelidados de pedaladas fiscais; cap. 19 sobre o “estilo Dilma” buscando reforçar a imagem apresentada pela mídia de uma mulher teimosa, centralizadora e incompetente; e o cap. 21 que trata do tema ‘volta Lula’ buscando encontrar divergências pessoais entre Dilma e Lula); dois capítulos são relativamente positivos e elogiosos (cap. 2 “Lula ortodoxo” e cap. 18 “forte redução da pobreza”); outro eixo trata de uma análise do modelo desenvolvimentista dos governos do PT (cap. 3, 5, 7, 14, 16 e 20); um quarto eixo de abordagem apresenta críticas mais contundentes à gestão econômica do PT, especialmente no que trata dos temas das despesas do governo, taxas de juros, empréstimos do BNDES e da Petrobrás (cap. 1, 4, 6, 10, 12 e 13); e por fim, o quinto

²⁴João Borges é comentarista da TV GloboNews desde 2003 em Brasília, depois de também ter trabalhado em outras grandes empresas jornalísticas como “O Estado de S. Paulo”, “O Globo”, e, por três anos, chefiou a área de comunicação do Banco Central também na fase final do governo de FHC, entre 2000 e 2002.

²⁵Ribamar Oliveira já trabalhou nos principais jornais e revistas do país. Foi chefe de redação da sucursal de “O Globo” em Brasília, repórter do “Jornal do Brasil” e coordenador de economia, repórter especial e colunista do jornal “O Estado de S. Paulo”, além das revistas “Veja” e “Isto é”. Foi assessor de imprensa do Ministério do Planejamento em 1994, ano de lançamento do Plano Real, e assessor de imprensa do Banco Central.

eixo temático aborda temas ligados diretamente às pedaladas fiscais e ao *impeachment* (cap. 8, 9, 15 e o epílogo).

Outra obra que aborda o mesmo tema foi escrita por Míriam Leitão que selecionou 118 textos de seus comentários entre 2010 e novembro de 2016 e escreveu o livro intitulado **A verdade é teimosa: Diários da crise que adiou o futuro**, lançado em fevereiro de 2017. A autora relata um Brasil caótico, que passou por uma grave recessão ao longo dos últimos dois anos, quando ocorreu um rombo sem precedentes nas contas públicas, perdeu o controle da inflação e o desemprego chegou a 12 milhões de brasileiros. Segundo a comentarista, essa crise já se anunciava a tempo, mas o governo não tomou providências e enfim, defende a tese de que a crise econômica é justificativa para a queda do governo.

Por fim, não há nenhuma obra teórica nesse campo de posicionamento, pela legitimidade do golpe, no entanto, pode-se considerar que o livro eletrônico editado pelo Senado Federal, baseado no registro da sessão de cassação do mandato da Presidenta Dilma, tem seu papel como documento histórico no processo de legitimação do Golpe 2016. Nesta obra consta a tradução taquigráfica de todas as falas e textos envolvidos no processo que tramitou no Senado Federal, além da ilustração fotográfica. O título da publicação eletrônica, de 664 páginas lançada em outubro de 2016, é ***Impeachment: o julgamento da Presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal***²⁶.

5 Posicionados contra o Golpe 2016

Posicionados do lado dos que criticam e questionam o processo de *impeachment*, chamando-o de Golpe, encontram-se disponíveis igualmente diferentes publicações, tanto em relação aos autores quanto em relação ao enfoque analisado.

À **Sombra do Poder. Os Bastidores da Crise que Derrubou Dilma Rousseff**, escrito pelo jornalista Rodrigo Almeida²⁷, publicado em novembro de 2016, busca uma narrativa baseada na observação de quem vivenciou o processo, não baseado em “fontes do Planalto” como costumam citar a maioria dos jornalistas que escrevem sobre o tema, mas na posição de quem presenciou, conviveu e sentiu as emoções da crise, ao lado do Ministro da Fazenda Joaquim Levy e depois diretamente na sala da Presidenta Dilma.

Chama a atenção a forma cuidadosa e honesta com que o autor escreve o que vivenciou, contrapondo alguns paradigmas imaginados sobre a persona-

²⁶ SENADO FEDERAL. *Impeachment: o julgamento da Presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal*. Brasília: Editora do Senado, 2016.

²⁷Rodrigo de Almeida é cientista político e jornalista. Foi secretário de imprensa da presidenta nos últimos nove meses de mandato.

lidade da Presidenta Dilma ou outros atores chave desse enredo e as tensões de bastidores no momento de tomada de decisões difíceis.

Esta obra foi dividida em 24 capítulos, que numa linguagem jornalística da política busca apresentar os diferentes subtemas tratados em cada parte com um encadeamento cronológico, mostrando como o desenrolar do processo sincronizado com seu contexto, coisa que nenhuma outra publicação conseguiu fazer.

Outra publicação que faz uma análise política sobre o episódio do Golpe 2016 o faz com antecedência. Baseado na sua vivência e trajetória política Roberto Amaral²⁸ escreve o livro **A serpente sem casca: da 'crise' à Frente**, publicado em junho de 2015 com base em artigos de sua autoria e publicados no portal eletrônica Carta Capital desde outubro de 2014, período em que o autor, analisando a conjuntura internacional e nacional alertava para um contexto de golpe parlamentar no Brasil, não com o roteiro de 1964 mas com as características de 1954 com Getúlio Vargas, mostrando, por um lado, o avanço do pensamento de direita, o tipo de relação entre a mídia "lacerdista" em conluio com o judiciário, até mesmo nos apelidos da época "Mar de Lama" e "República do Galeão", e, por outro lado, chamando atenção para a falta de reflexão e pensamento crítico da esquerda, que não percebia, nem admitia esse desfecho.

Ao longo deste período em que escrevia os artigos para serem publicados o autor definia como uma tarefa central no campo de esquerda a articulação de uma frente democrática, ampla e popular, que congregasse os movimentos sociais e tivesse como horizonte a disputa de hegemonia, para além de partidos e processos eleitorais, que veio a se concretizar com o nome de Frente Brasil Popular, oficialmente, a partir do Manifesto ao Povo Brasileiro, em setembro de 2015.

O livro foi revisado e reeditado em 2016, complementado por artigos escritos no calor do desdobramento do processo de cassação da Presidenta Dilma e também pela transcrição de uma mesa-redonda ocorrida no Clube dos Engenheiros no Rio de Janeiro em 25 de abril de 2015, entre o autor Roberto Amaral, o professor Luís Manuel Fernandes e o então governador do Rio Grande do Sul, na época, Tarso Genro. Chama a atenção que na exposição de Amaral, transcrita na edição revisado do livro, o autor revê parcialmente sua análise anterior apresentada em seus artigos quando afirma "Começo afirmando não enxergar qualquer risco de *impeachment* por razão simplesmente

²⁸ Roberto Átila Amaral Vieira é jornalista, professor e militante político desde dos anos 1950, um dos fundadores do PSB após a ditadura, foi deputado, ministro de Ciência e Tecnologia do governo Lula e presidente do PSB até outubro de 2014, quando renunciou por ocasião do apoio dado pelo partido ao então candidato a Presidência da república pelo PSDB.

lógica: ele deixou de interessar à classe dominante”²⁹. Nessa palestra transcrita na terceira parte da edição revisada do livro, o autor sustenta que o *impeachment* poderia interessar aos setores mais atrasados dos partidos e da mídia, mas não ao empresariado que saberia que isso agudizaria ainda mais a crise econômica e o alvo da direita não seria o mandato da Dilma, mas a inviabilização da candidatura de Lula em 2018.

Outras duas publicações de autoria coletiva trazem uma coletânea de artigos. A primeira **Por que Gritamos Golpe? Para entender o *impeachment* e a crise política no Brasil**³⁰ publicado em 2016, trata-se de uma coletânea de 26 artigos curtos (em média de duas até quatro páginas) com um ou mais autores cada, dividido em três capítulos: os antecedentes do golpe; o golpe ponto a ponto; e o futuro do golpe.

Cada texto tem seu estilo e são mesclados dentro de cada parte do livro. Alguns artigos têm estilo mais teóricos como de Marilena Chauí, Luis Felipe Miguel, Michael Löwy e André Singer, outros mais jornalísticos (Marina Amaral e Gilberto Maringoni), outros ainda trazem um estilo de manifesto político (Ciro Gomes, Roberto Requião, Guilherme Boulos e Jandira Feghali), enfim, sem citar todos os autores dos 25 textos publicados, tampouco a diversidade e amplitude das abordagens, essa síntese traz uma visão dos textos, tanto para debate como registro ara registro histórico.

A segunda publicação coletiva foi organizada pelo jornalista Renato Rovai no livro: **Golpe 16**³¹. A obra abre prefaciada pelo ex-presidente Lula, reunindo 23 artigos de escritores jornalistas, professores da área de comunicação, blogueiros e outros ativistas basicamente todos ligados à chamada mídia alternativa. Já no primeiro texto escrito pelo organizador do livro, Rovai organiza uma narrativa do processo do golpe em cinco capítulos e seguem os demais textos analisando o papel da mídia e da blogosfera, outros têm como foco a análise de discurso (preconceitos, ódio e conservadorismo), outros ainda se atêm a alguns acontecimentos, como o inusitado texto assinado pelo jornalista Eduardo Magalhães “O dia em que o golpe vazou”, relatando e reproduzindo mensagem do dia 23 de fevereiro de 2016, vazando informações de decisão sigilosa do juiz Moro, daquela mesma data, afirmando que seria deflagrada a 24ª fase da operação lava jato, quebrando sigilo bancário de 43 pessoas e posterior condução coercitiva de Lula, que ocorreu em 04 de março de 2016. No texto, Magalhães mostra por dentro como se dá a prática a troca de informações sigilosas e o conluio entre o judiciário e a mídia, o que

²⁹ AMARAL, Roberto. A serpente sem casca: da ‘crise’ à Frente. Rio de Janeiro: Editora Altadena, 2016, p. 245.

³⁰ JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. Por que gritamos golpe? Para entender o *impeachment* e a crise política no brasil. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

³¹ ROVAI, Renato. Golpe 16. São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2016.

deixou os operadores da lava jato furiosos e custou-lhe também uma condução coercitiva por ter divulgado o assunto no Blog da Cidadania.

A última parte do livro apresenta uma entrevista exclusiva com própria Presidenta Dilma Rousseff, realizada em 02 de agosto de 2016 (29 dias antes da decisão final do Senado pela cassação definitiva do mandato), pela jornalista Maíra Streit, avaliando o processo do golpe e passando por temas como: os partidos (PSDB, PMDB e o próprio PT); papel da mídia (especialmente a rede Globo); Petrobrás, Fiesp, crise econômica; consequências do golpe e Michel Temer.

Pode-se citar também o livro **Democracia, Direitos Humanos e Mídia**, escrito pelo deputado e jornalista Paulo Pimenta (PT/RS), lançado em agosto de 2016, reúne artigos publicados em jornais, blogs e sites de circulação nacional, e tem o prefácio escrito pelo ex-presidente Lula. Nos textos, Pimenta aborda o atual momento político do país, os ataques à democracia brasileira e às minorias, e analisa a cobertura da mídia, pontuando que “a imprensa se coloca como um obstáculo às transformações sociais”.

Importante registrar também uma coletânea contendo três obras dedicadas a denunciar e resistir ao Golpe de 2016, idealizado por Wilson Ramos Filho, pelo Instituto Declatra, em colaboração com o Instituto de Direitos Humanos Joaquín Herrera Flores e publicados pela Editora Praxis.

A primeira obra foi lançada em junho de 2016, no calor dos acontecimentos e teve como título **A Resistência ao Golpe de 2016**³², escrito por 105 autores entre juristas, economistas e artistas, que buscam interpretar e difundir a narrativa de que se trata de um Golpe (inédito, branco ou parlamentar), resultante de uma articulação entre a mídia, a elite empresarial, setores do Poder Judiciário e do Ministério Público para assaltar o poder sem disputar eleições.

A segunda coletânea, lançado no mês seguinte (julho de 2016) levou o título **A Classe Trabalhadora e a Resistência Internacional ao Golpe de 2016**³³, onde reuniu mais de 100 autores, especialmente juristas ligados ao mundo do trabalho, que traduziram o Golpe na faceta social de retrocessos iminentes, de liquidação do projeto de estado social inclusivo e o desmonte das conquistas dos últimos 30 anos, bem como relembrou a histórica capacidade de mobilização da classe trabalhadora para resistir e lutar.

Os autores dos textos são magistrados e advogados trabalhistas, líderes sindicais de diversas áreas, economistas, analistas políticos, entre outros, reunidos em 70 artigos tratando de dois temas centrais: o primeiro é a agenda

³² PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM, Marcio; RAMOS FILHO, Wilson. *Resistência Internacional ao Golpe de 2016*. São Paulo: Canal 6 Editora, 2016.

³³ RAMOS, Gustavo Teixeira; MELO FILHO, Hugo Cavalcanti; LOGUERCIO, José Eymard. *A Classe Trabalhadora e a Resistência Internacional ao Golpe de 2016*. São Paulo: Canal 6 Editora, 2016.

pós-neoliberal do futuro governo Temer em sua tentativa de destruição dos direitos fundamentais, em especial os direitos sociais e humanos; segundo, na convocação para a união, luta e resistência contra o golpe civil de 2016.

Enfim, a terceira obra dessa coletânea chamou-se: **Resistência Internacional ao Golpe de 2016**³⁴, reunindo impressões sobre o processo vivido no Brasil a partir do olhar estrangeiro, da mirada distanciada dos intelectuais, juristas, jornalistas, escritores, parlamentares de outros países que, preocupados acima de tudo com a preservação da democracia como valor estrutural da sociedade, além de registrar textos de iniciativas como a sentença do Tribunal Internacional pela Democracia no Brasil (realizado em julho/2016, na cidade do Rio de Janeiro), cópia da Representação Perante a Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), cópia do documento Defesa Jurídica e Política Contra o Golpe no Brasil, assinado pelo advogado da Presidenta Dilma, José Eduardo Cardozo, bem como a Mensagem da Presidenta da República Dilma Rousseff ao Senado Federal e ao Povo Brasileiro, divulgada antes do julgamento do *impeachment*. Além desses documentos o livro conta com 87 textos em formato de artigos, entrevistas e manifestos

Em se tratando de abordagem econômica, a principal obra que critica o golpe é **Brasil 2016: recessão e golpe**³⁵, uma publicação da Fundação Perseu Abramo (FPA), lançada em 2017 e escrita coletivamente por doze especialistas que participam do grupo de análise de conjuntura mensal da FPA, trazendo onde capítulos de análise da política e econômica sobre o Golpe 2016, dos quais destacam-se quatro: os impasses da economia; a conjuntura internacional e regional; a política econômica; e, golpe de estado contra o desenvolvimento regional.

Diferentemente da obra intitulada “Anatomia de um desastre” apresentada anteriormente entre os escritores que buscam legitimar o golpe, neste livro, cada capítulo busca apresentar um conjunto de dados e uma análise para entender cada tema dentro do seu contexto, incluindo referências bibliográficas que contribuem para a compreensão e comparando com períodos anteriores da economia nacional e contextos internacionais atuais³⁶.

Dentre as publicações teóricas sobre o golpe praticamente não se encontrou alguma análise aprofundada no sentido de justificá-lo, até porque a função é por natureza crítica aos acontecimentos, portanto, destacam-se duas obras:

³⁴ PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM, Marcio; RAMOS FILHO, Wilson. *Resistência Internacional ao Golpe de 2016*. São Paulo: Canal 6 Editora, 2016.

³⁵ Fundação Perseu Abramo. *Brasil 2016: recessão e golpe*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

³⁶ No próximo subtítulo deste capítulo será apresentado um contraponto mais detalhado, especialmente entre essas duas obras, na relação entre a economia e o golpe.

A Radiografia do Golpe: entenda como e por que você foi enganado, escrita pelo sociólogo Jessé de Souza, publicada em agosto de 2016, que aprofunda o tema e faz um resgate histórico e teórico sobre a luta de classes no Brasil, especialmente o comportamento da elite brasileira, compreendendo o Golpe 2016 nesse contexto.

Souza³⁷ divide o livro em três capítulos: os golpes sempre foram por mais dinheiro para poucos e nunca para combater a corrupção; o golpe “legal” e a construção da farsa; conclusão: ameaças e oportunidades à democracia.

No primeiro capítulo o autor trata especialmente da construção do imaginário social brasileiro, ou a autoimagem do povo, como ele foi construída, seus fundamentos e como esse fator funciona num sistema de dominação de classe. Souza³⁸ se contrapõe aos chamados autores clássicos sobre o pensamento social brasileiro, através do mito do “homem emotivo” de Gilberto Freyre, distorcido na versão de “homem cordial” por Sergio Buarque de Holanda, portanto, nossa origem cultural está menos ligada aos vícios portugueses do “jeitinho”, que levaria a benevolência com a corrupção e mais enraizada na matriz escravocrata de dominação das elites, da distinção social de classes, na baixa autoestima e no complexo de “vira-lata” de Nelson Rodrigues. O autor apontando ainda a falta de pensamento crítico e autônomo dos setores políticos de esquerda, que ao invés de contestar, aderiram ao pensamento social brasileiro.

A parte seguinte é menos teórica e mais de análise da realidade e dos acontecimentos, a partir das manifestações de 2013, de onde surgiu “o ovo da serpente”³⁹, mudando o sentido dos movimentos de rua inicialmente os manifestantes pelo passe livre foram enquadrados como baderneiros e violentos, e, em seguida mudou-se o enquadramento da mídia que passou a convocar as manifestações, mostrando-se pacíficas, com bandeiras difusas que cabiam qualquer tipo de descontentamento, a federalização dos protestos sob o slogan “o gigante acordou” e é nesse momento que o autor identifica a aliança entre a grande mídia e setores do judiciário através da bandeira da PEC 37, que ampliou os poderes do MP permitindo-lhe controle sobre o as diferentes etapas do processo judicial, portanto, reduzindo o direito de defesa dos acusados que passam a ter que provar sua inocência, invertendo o princípio do Estado democrático de direito. Os resultados desse conluio vão se concretizando, passo seguinte, nos desdobramentos da Operação Lava Jato, usada seletivamente para desestabilizar o governo Dilma e o PT.

³⁷ SOUZA, Jessé. *A Radiografia do Golpe: entenda como e por que você foi enganado*. São Paulo: Editora Leya, 2016.

³⁸ *Ibid.*

³⁹ *Ibid.*, p. 87.

Nas conclusões o autor aponta para a execução da agenda econômica dos golpistas, a precarização nas relações de trabalho para aumentar o ganho do capital e inviabilizar a resistência dos trabalhadores, juntamente com a uma disputa de linguagem e do pensamento social, que, por um lado, busca naturalizar o golpe e reduzi-lo ao esquecimento e, por outro lado, avanços valores culturais conservadores e anti-humanistas, acomodados dentro de uma onda mundial.

A segunda obra teórica importante, que faz uma análise aprofundada sobre o golpe foi escrita por Wanderley Guilherme dos Santos⁴⁰ **A democracia interrompida: o Brasil no século XXI**. Nesta obra, o autor analisa o acontecimento do golpe parlamentar ocorrido em 2016, que “consiste no sequestro do poder constituinte do povo na declaração dos princípios do pacto de governo” e ocorre em uma sociedade de democracia representativa de massa como a brasileira.

Ao longo do texto, Wanderley Guilherme dos Santos analisa com a profundidade teórica e densidade acadêmica necessária os antecedentes, as hipóteses e o encadeamento complexo entre as dimensões econômica, política e social, buscando compreender o golpe parlamentar ocorrido no Brasil em 2016 como uma das saídas para a difícil equação entre o processo de acumulação capitalista e a democracia de massas. Será possível uma democracia representativa de massa num país economicamente atrasado? Dentre tantos exemplos de interrupções aos processos de democracia, o que traz de novidade no chamado golpe parlamentar que ocorreu em 2016 no Brasil? Essas são apenas duas perguntas possíveis para introduzir o roteiro percorrido pelo autor ao longo do livro, escrito com uma linguagem tão concisa e rebuscada quanto elegante e provocativa.

O livro “Democracia Impedida” se divide em seis capítulos: 1) Democracia representativa e golpe institucional, em que contextualiza os acontecimentos e faz um resgate de alguns conceitos-chave da ciência política para analisar a democracia; 2) 1964 e 2016: dois golpes, dois roteiros, em que faz uma análise comparativa histórica e principalmente das diferenciações na infraestrutura econômica, social e política dos dois períodos que justificam os diferentes roteiros dos golpes em questão⁴¹; 3) De eleições, temores e processos distributivos, em que esboça uma análise teórica da relação entre a instabilidade produtiva e a estabilidade improdutiva, recorrendo a autores clássicos do pensamento moderno como Malthus, Rousseau, Tocqueville e

⁴⁰ SANTOS, Wanderley Guilherme. *A democracia interrompida: o Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2017.

⁴¹ Importante resgatar que o autor, Wanderley Guilherme dos Santos tornou-se uma das principais referências da ciência política brasileira pela publicação em 1962 do livro “Quem Dará o Golpe no Brasil”, considerado como único cientista político que conseguiu prever o golpe de 1964 com antecedência.

outros; 4) A sucessão da oligarquia pela competição eleitoral, em que o autor faz o mesmo que no capítulo anterior, porém analisando as principais teses sobre o comportamento eleitoral, sempre contextualizando a situação brasileira dentro do tema; 5) Da democracia e seus bastardos: o golpe parlamentar, quando o autor analisa as contradições do tempo presente no Brasil, especialmente no que se refere ao dilema entre a acumulação de capital e a democracia representativa de massa e, além disso, as próprias contradições intrínsecas do processo de inclusão social e redução das desigualdades; 6) trata da Expropriação constitucional do voto, comentando os acontecimentos recentes e o encadeamento entre eles, desde a Ação Penal (AP) 470 até o golpe parlamentar, demonstrando sua tese de que esse processo tornou-se um impeditivo à democracia no Brasil, cujos desdobramentos dependerão das reações futuras dos setores golpeados.

Finalmente, cabe registrar aqui outro tipo de publicação organizada pela Fundação Perseu Abramo em 2016, que organizou em duas coletâneas chamadas de **Resistência e Contestação: Sociedade brasileira e comunidade internacional contra o golpe de 2016**⁴² parte 01 e parte 02, cada um deles com aproximadamente 200 documentos em formato de manifestos de diferentes organizações da sociedade civil, no Brasil e exterior, organizados em seis capítulos: 1. Cidadania ativa, movimento cultural, artístico, intelectual e demais coletivos; 2. Movimentos sociais e entidades religiosas; 3. Organizações sindicais, associações, conselhos, conferências e classe política; 4. Mundo acadêmico e meio Jurídico; 5. Servidores públicos; e 6. Manifestações estrangeiras.

Como foi alertado inicialmente, trata-se de um tema recente, polêmico e amplo, portanto, esse mapeamento tem por objetivo dar uma dimensão das diferentes abordagens, relacionadas à distintos subtemas e executadas de diversos estilos de publicações, contudo, é necessário ressaltar novamente que neste momento deverão haver outras publicações não mapeadas e muitas em processo de publicação.

6 Conclusão

Por se tratar de um tema histórico do tempo presente, entende-se que um mapeando, tanto a produção acadêmica quanto das publicações, contribui com o debate e permite observar as análises específicas inseridas no seu contexto.

No entanto, há que se considerar os limites de um trabalho de "estado da arte", que não tem a pretensão de se aprofundar sobre nenhum aspecto específico e ao mesmo tempo pode estar desatualizado a qualquer momento

⁴² Fundação Perseu Abramo. *Resistência e Contestação: Sociedade brasileira e comunidade internacional contra o golpe de 2016*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

pelo volume e velocidade que o tema vem sendo abordado de diferentes formas, pois se trata de uma clivagem em pleno fervor da disputa de narrativas.

Percebe-se que inicialmente há um volume maior de produção no campo da comunicação e da linguagem, por se tratar de um tema extremamente midiático inserido numa "Sociedade em Rede"⁴³, mas que aos poucos vão sendo envolvidos outros campos do conhecimento através de abordagens específicas ou leituras do tema geral baseados em diferentes pontos de vista.

Enfim, por se tratar de um exercício com enfoque acadêmico, há que se chamar a atenção para as obras de maior densidade e rigor teórico⁴⁴. O primeiro permite compreender o golpe como resultado da disputa de hegemonia político-cultural na história da luta de classe do Brasil e o segundo considera que o Brasil inaugura um novo tipo de Golpe de Estado com características específicas, porém, inseridos numa leitura teórica baseada em clássicos da sociologia e da ciência política. Ambos podem ser considerados pioneiros da análise teórica deste acontecimento histórico, mas ao mesmo tempo são provocativos e instigam o debate que certamente irá gerar novas produções acadêmicas.

Referências

ALMEIDA, Rodrigo. *À Sombra do Poder. Os Bastidores da Crise que Derrubou Dilma Rousseff*. São Paulo: Editora Leya, 2016.

AMARAL, Roberto. *A serpente sem casca: da 'crise' à Frente*. Rio de Janeiro: Editora Altadena, 2016.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora UnB, 1998.

CAPES. *Periódicos Capes*. Disponível em <https://www.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em dezembro de 2017.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: a Era da Informação*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

DUVIVIER, GREGÓRIO. Fake News. Youtube, 14 de julho de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V4E0yXQeI2Y>. Acessado em março de 2018.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As Pesquisas Denominadas "Estado da Arte". *Revista Educação & Sociedade*, ano XXIII, no 79. Campinas, agosto/2002 p. 257-272.

⁴³ CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede: a Era da Informação*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

⁴⁴ SOUZA, Jessé. *A Radiografia do Golpe: entenda como e por que você foi enganado*. São Paulo: Editora Leya, 2016; SANTOS, Wanderley Guilherme. *A democracia interrompida: o Brasil no século XXI*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2017.

Fundação Perseu Abramo. Brasil 2016: recessão e golpe. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

_____. Resistência e Contestação: Sociedade brasileira e comunidade internacional contra o golpe de 2016. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

Google acadêmico. Disponível em <https://scholar.google.com.br>. Acessado em dezembro de 2017.

JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

LEITÃO, Miriam. A verdade é teimosa: Diários da crise que adiou o futuro. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2017.

MORENO, Jorge Bastos. Ascensão e Queda de Dilma Rousseff: Tuítes Sobre os Bastidores do Governo Petista e o Diário da Crise que levou à sua Ruína. São Paulo: Editora Globo Livros, 2017.

PIMENTA, Paulo. Democracia, Direitos Humanos e Mídia. São Paulo: Editora Bartira Gráfica, 2016.

PRONER, Carol; CITTADINO, Gisele; TENENBAUM; Marcio; RAMOS FILHO, Wilson. A Resistência ao Golpe de 2016. São Paulo: Canal 6 Editora, 2016.

_____. Resistência Internacional ao Golpe de 2016. São Paulo: Canal 6 Editora, 2016.

RAMOS, Gustavo Teixeira; MELO FILHO, Hugo Cavalcanti; LOGUERCIO, José Eymard. A Classe Trabalhadora e a Resistência Internacional ao Golpe de 2016. São Paulo: Canal 6 Editora, 2016.

ROVAI, Renato. Golpe 16. São Paulo: Editora Publisher Brasil, 2016.

SAFATLE, Claudia; BORGES, João; OLIVEIRA, Ribamar. Anatomia de um desastre: Os bastidores da crise econômica que mergulhou o país na pior recessão da história. São Paulo: Editora: Portfolio Penguin, 2016.

SANTOS, Wanderley Guilherme. A democracia interrompida: o Brasil no século XXI. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2017.

SENADO FEDERAL. *Impeachment*: o julgamento da Presidente Dilma Rousseff pelo Senado Federal. Brasília: Editora do Senado, 2016.

SOUZA, Jessé. A Radiografia do Golpe: entenda como e por que você foi enganado. São Paulo: Editora Leya, 2016.

VILLAVARDE, João. Perigosas pedaladas: Os bastidores da crise que abalou o Brasil e levou ao fim o governo Dilma Rousseff. São Paulo: Editora: Geração, 2016.

WESTIN, Ricardo. A Queda de Dilma: Os Bastidores do *Impeachment* da Presidente que desprezou as Lições Políticas de Maquiavel. São Paulo: Universo dos Livros Editora, 2017.